

ADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**Práticas e Representações Sobre a Agricultura Urbana na Cidade de
Maputoö-o caso da Associação Marcelina Chissano de Bagamoyo
(AMCB).**

Trabalho para Obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia

Autor:

Custódio VascoNhabete

Supervisora:

Dra. Margarida Paulo

Maputo, Setembro de 2012



Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

obre a Agricultura Urbana na Cidade de Maputoö-o caso da Associação Marcelina Chissano de Bagamoyo (AMCB).

Trabalho para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia

Autor:

.....

Custódio Nhabete

Supervisora

Presidente

Oponente

.....

.....

.....

Maputo, Setembro de 2012



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Declaro que este relatório de pesquisa é original. O mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e na bibliografia as fontes de informação por mim utilizadas. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para obtenção de qualquer grau académico.

Custódio Vasco Nhabete

.....

Maputo, Setembro de 2012



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Agradecimentos

Durante os quase cinco anos de formação, muito apoio moral e material recebi de várias pessoas. Neste momento de fim de mais uma batalha interessa fazer referência a algumas dessas pessoas. Agradeço aos meus docentes por todo empenho que empreenderam para que o sonho de terminar a licenciatura pudesse se efectivar. Agradeço ainda aos meus colegas, principalmente os do meu grupo de estudos. Um agradecimento particular vai para a minha supervisora do trabalho de fim do curso, a Dra. Margarida Paulo que incansavelmente me apoiou quer na elaboração do projecto de pesquisa, como do relatório de pesquisa.

Agradeço ainda toda minha família Nhabete pelo apoio prestado, em particular agradeço aos meus irmãos e irmãs. Agradeço ainda à minha namorada pelo incasável apoio que tem me prestado. Os agradecimentos são extensivos aos meus primos, em particular ao Luís que sempre me incentivou e acreditou que eu fosse capaz de realizar os meus sonhos.

Não podia terminar sem endereçar um agradecimento especial a um herói, um companheiro e um amigo de verdade, o Arnaldo, com o qual sempre contei quando precisei de apoio e ele o fez de forma incondicional. Meu amigo aceite o meu profundo obrigado.

Agradeço a terminar, todos os que me deram incentivo moral ou material, não importando aqui as quantidades, pois sinto que foi o somatório dos apoios que resultou no nosso sucesso. A todos o meu muito obrigado.



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Dedicatória

Dedico este trabalho a título póstulo aos meus pais ambos falecidos, pelo incentivo que sempre me deram para me formar e poder enfrentar a vida com luzes que me permitem ver um pouco mais longe.

O presente relatório de pesquisa versa sobre a agricultura urbana na cidade de Maputo. Ao realizarmos este estudo, pretendemos preencher uma lacuna que a literatura sobre este tema apresenta. Ao longo das nossas leituras constatamos que os autores que escrevem sobre a agricultura urbana, principalmente em África referem que a agricultura não devia ser praticada nas cidades, pois causa uma série de constrangimentos. Assim ela só ocupa espaços que deviam ser usados para o desenvolvimento de outras actividades económicas e para erguer residências.

Como forma de captarmos as práticas e percepções sobre a agricultura que desenvolve na cidade de Maputo, realizamos um estudo sobre a agricultura urbana, na Associação Marcelina Chissano no bairro de Bagamoyo.

Para o efeito, recorreremos à teoria construtivista social, para apurarmos como é que os agricultores daquela associação vêm a sua actividade e também fizemos comparações com outros contextos. Em termos metodológicos, usamos a observação e as entrevistas não estruturadas.

O estudo concluiu que a agricultura urbana na cidade de Maputo enfrenta dificuldades que só consegue colmatar graças ao associativismo. Todos os agricultores são obrigados a fazer parte de uma associação para que esta possa controlar a todos os agricultores que trabalham nas margens do rio Malaúze. Com efeito, as associações usam como estratégia para assegurar terrenos para a prática da agricultura, a obtenção de títulos de propriedade.

Palavras chave: Agricultura urbana, práticas sociais e representações sociais.

1. Introdução.....	1
1.1 Contextualização.....	2
1.2 Relevância do estudo.....	3
1.3 Área de estudo.....	4
2. Problemática.....	5
3. Revisão da literatura.....	6
4. Métodos e técnicas de recolha de dados.....	8
5. Resultados do Estudo.....	10
5.1 Práticas da agricultura urbana na cidade de Maputo.....	10
5.2 Percepções sobre a agricultura urbana na cidade de Maputo.....	22
5.3 Formas de produção.....	26
5.5 Estratégias de venda.....	28
6. Conclusões do estudo.....	31
Referências Bibliográficas	34

O presente trabalho é um relatório de pesquisa que realizamos na Associação Marcelina Chissano de Bagamoyo, cujo tema é: Práticas e representações sobre a agricultura urbana na cidade de Maputo – o caso da Associação Marcelina Chissano de Bagamoyo (AMCB).

Os estudos sobre a agricultura urbana (AU) no mundo são recentes e neles há muitos aspectos ainda pouco debatidos, a começar pelo próprio conceito. Segundo Mougeot (2004) ao quisermos definir a agricultura urbana, devemos perguntar se a agricultura urbana é realmente o que chamamos, ou assim quisermos chamar, ou o que percebemos na realidade. Assim, a maioria das definições se refere à fase produtiva da agricultura, porém as definições mais recentes incluem também o processamento e a comercialização, e as interações entre todas essas fases.

Ao efectuarmos a nossa pesquisa, pretendemos perceber as estratégias usadas pelos agricultores da cidade de Maputo na gestão da sua actividade, em relação à produção e venda de alimentos, bem como a forma de assegurar os seus espaços de cultivo, dada a concorrência de outros sectores de actividades económicas.

Em relação à nossa pergunta de partida, com este trabalho pretendemos captar as percepções dos agricultores da AMCB sobre a prática da agricultura urbana na cidade de Maputo.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: na introdução apresentaremos uma visão geral do trabalho, indicaremos o tema e o objectivo da nossa pesquisa. Na contextualização vamos mostrar o que a literatura nos diz no que concerne ao surgimento e desenvolvimento da agricultura urbana.; faremos referência à área onde foi desenvolvido o nosso estudo; na problemática mostraremos o que diz a literatura sobre a prática da agricultura urbana. Apresentaremos os dados da agricultura no mundo, na África, em particular na África Austral e por fim em Moçambique abrindo espaço para apresentarmos o problema que investigamos, seguindo-se a revisão da literatura na qual trataremos o debate entre os autores que abordam sobre o tema que estudamos e identificaremos as abordagens que os autores adoptam e mostraremos a abordagem que iremos seguir; na metodologia, mostraremos as técnicas e métodos usados na recolha de dados e depois faremos a operacionalização dos conceitos que usaremos no nosso

1.1 Contextualização

Nesta sessão vamos apresentar a situação da agricultura urbana, traçando um percurso desde o surgimento da agricultura, a situação da agricultura urbana no mundo. É importante realçar a exiguidade de fontes escritas nesta área, principalmente em Moçambique. A razão disso é que, como Mougeot (2004) refere, a agricultura urbana não tem sido alvo de muitos estudos no mundo. Por isso, mesmo a definição do conceito agricultura urbana ainda apresenta muitas lacunas porque se refere à produção e venda e não faz referência a outras fases como o processamento, o escoamento da produção. Assim, sugere que necessidade de maior maturidade conceptual com relação à agricultura urbana para revelar as suas variadas dimensões e demonstrar sua firme inserção no sistema urbano.

A actividade agrícola no mundo, enquanto produção de plantas e animais num local determinado, visando a alimentação de uma comunidade, remonta há pelo menos 10.000 anos a.C. Conforme salientam Barros e Silva (2004) os aumentos de produtividade contribuíram para a competitividade e eficiência na agricultura alcançados graças à revolução tecnológica.

Graças a esarevlucão tecnológica, verifica-se o fenómeno de maior produtividade levando à capitalizacao da agricultura. Segundo Arrais (2010), a capitalização da agricultura, que vem ocorrendo na Europa e nos estados Unidos desde a metade do século XIX dominada pelo impulso produtivo, procura maximizar os lucros do capital independente do impacto negativo sobre o meio ambiente.

Por seu turno, Graziano (1982) realça que, o processo de transformação capitalista da agricultura, tem sido chamando de modernização, agravou consideravelmente a dependência histórica do sector agrícola ao industrial. Esse é o argumento que se usa em algumas cidades do mundo para a marginalização da prática da agricultura no meio urbano quando comparada com a indústria.

pelos autores de que a agricultura urbana resulta da cidade e como um meio de garantia da sobrevivência.

A agricultura é uma actividade essencialmente rural e que a sua aparição no meio urbano resulta do êxodo rural. Tradicionalmente o ambiente urbano caracterizou-se pela ausência de actividades agrícolas, já que essas se integram mais usualmente às actividades dos assentamentos rurais (Mbiba 2000:6).

Pessoa et al. (2006) referem também que a agricultura urbana resulta da deslocação das pessoas do campo para as cidades, criando um crescimento da população no meio urbano, resultando num impacto, conduzindo a uma importante mudança nos vectores de expansão física das cidades, fazendo com que actividades consideradas como essencialmente agrícolas, no passado, passem a ter expressão económica nos espaços urbanos.

Os estudos sobre a agricultura realçam que, no caso de Moçambique, esta actividade é de um modo geral caracterizada por dificuldades. Os agricultores nunca possuíram meios de produção para produzir em quantidade, nem condições que lhes permitissem ter lucros compensadores e que do ponto de vista de conservação dos produtos, os agricultores não possuem tecnologia (Feliciano 1998: 67).

1.2 Relevância do estudo

Este estudo é relevante pelo facto de, do ponto de vista social, nos permitir um maior conhecimento sobre a forma como é percebida a agricultura urbana na cidade de Maputo. À primeira vista, se verifica que os lugares que outrora eram machambas agora estão a tornar-se a cada dia espaços habitacionais, sendo importante perceber essa dinâmica social.

Do ponto de vista antropológico, este estudo nos permite compreender as práticas, percepções e significados da agricultura urbana, contribuindo deste modo para enriquecer ainda mais os estudos disponíveis, bem como trazer dados novos que possam tornar interessante o estudo deste tema por forma a ser mais aprofundado em próximos estudos. Entendemos que este estudo pode ser mais um contributo da Antropologia no sentido de permitir captar as lógicas e os significados sobre a agricultura urbana. O estudo nos permite perceber as especificidades da agricultura

moçambicano e fazer comparações com outros contextos. É
que nos permite perceber como é que os agricultores
conseguem assegurar os seus espaços de cultivo perante a situação de conflitos de terra.

1.3 Área de estudo

O nosso estudo foi realizado na AMCB, na baixa do rio Malúze, Bairro de Bagamoyo no Distrito Municipal Kamubukwana. Esta organização congrega agricultores que praticam a sua actividade na margem esquerda do rio Malaúze no sentido norte sul e que tem como limites a Avenida 4 de Outubro a norte e a rua São Paulo que limita o bairro Bagamoyo do bairro 25 de Junho a Sul, abrangendo os bairros de George Dimitrove Bagamoyo. A AMCB tem cerca de 60 membros e possui um extensionista¹ para treinar os agricultores em matéria da agricultura.

Em termos de historial, a AMCB surgiu por iniciativa do Governo moçambicano, no âmbito de promoção do associativismo, que aconselhou os agricultores das zonas verdes da cidade de Maputo a se organizarem em associações porque assim seria fácil tratar dos problemas que estes enfrentam. Segundo Moura (2002) a associação é uma forma de organização económica entre as pessoas, para amenizar os problemas sociais. Criada em 2002, a associação não tem sede própria, sendo que realiza as suas reuniões na Casa Agrária².

Por iniciativa das associações decidiu-se criar uma União das Associações³ porque como as associações eram muitas, era difícil cada associação canalizar os seus problemas de forma isolada às instâncias competentes.

¹ Especialista em matéria de agricultura e que se desloca no terreno para ajudar os agricultores sobre as técnicas de cultivo, tipos de sementes e drogas para eliminar pragas nas culturas.

² Loja onde se vendem sementes e outros insumos agrícolas e onde os extensionistas fazem o seu trabalho práticos com os agricultores das várias associações.

³ A União é a entidade que congrega as associações de agricultores do Distrito Municipal Kamubukwana e é formada por um total de 12 Associações de agricultores da baixa de Malaúze desde o bairro do Zimpeto até ao bairro Luís Cabral.

2. Problemática

A agricultura é muitas vezes vista como uma actividade essencialmente rural, sendo por isso pouco considerada quando comparada com outras actividades económicas que se realizam nos centros urbanos. Moura (2002) realça ainda que, tradicionalmente, o ambiente urbano caracteriza-se pela ausência de actividades agrícolas, já que essas se integram mais usualmente às actividades dos assentamentos rurais.

De acordo com Mbiba (2000) o acesso a recursos, pelos produtores urbanos pobres, é limitado por uma competição intensa exercida pelos outros usos possíveis da terra urbana, tais como: moradias e instalações industriais e que os planeadores na maioria dos centros urbanos do Zimbábwe consideram o cultivo em espaços abertos urbanos como um obstáculo para o desenvolvimento.

Mbiba (2000) salienta ainda que a introdução descontrolada de práticas de cultivo convencional em terras ecologicamente frágeis, incluindo o uso de adubos na produção agrícola, é citada como razão pela qual a agricultura urbana nunca deveria ser considerada como uma opção séria para o uso dos solos urbanos.

Mougeot (2004) sustenta que existem evidências comprovadas com sistemas e áreas específicas em Dar-Es-Salaam, Dakar, Hong Kong e Cagayan de Oro, de que o tamanho dos lotes usados para agricultura vai se reduzindo, enquanto os sistemas de produção se intensificam e se especializam. As actividades agrícolas marginais foram substituídas por outras mais rentáveis, combinando-se cada vez mais com usos não agrícolas do solo, ou até mesmo removidas para outros locais.

Segundo Mbiba (2000) em Lusaka, capital da Zâmbia, pode-se observar que as agências locais de planeamento são fracas institucionalmente, carecendo de capacidade para planear efectivamente, e a maior parte do planeamento estratégico é realizada pelas agências doadoras

de consultoria externas (especialmente da África do Sul).
ntes em Lusaka é a marginalização da agricultura nos
processos de planeamento (marginalização institucional), ao mesmo tempo em que ela é
empurrada para a periferia da cidade, resultando na agricultura periurbana (marginalização
espacial).

Tendo em conta o posicionamento dos autores que acabamos de apresentar o nosso problema de
pesquisa é procurar ver que estratégias são usadas pelos agricultores da cidade de Maputo na
produção de alimentos para o consumo e venda, bem como a forma como gerem as suas terras
no sentido de as manterem na sua posse, perante a concorrência que estas têm em relação aos
que as precisam para outras actividades e mesmo para habitação.

3. Revisão da literatura

Nesta sessão pretendemos apresentar a revisão da literatura sobre a agricultura urbana no mundo
em geral e em África em particular. A literatura que consultamos, oferece-nos dados importantes
para a compreensão do que já existe escrito sobre o tema.

Em todo o mundo, principalmente nos países menos desenvolvidos verifica-se um crescente
número de residentes urbanos que se dedicam às actividades agrícolas. Essas actividades
agrícolas têm sido comumente chamadas de agricultura urbana.

Por seu turno, Machado (2002) refere que a prática da agricultura urbana compreende várias
actividades relacionadas à produção de alimentos e conservação dos recursos naturais dentro dos
centros urbanos ou em suas respectivas periferias.

De acordo ainda com Roese Curado (2004), nas cidades de Corumbá e Ladário, inseridas no
Pantanal Sul-Mato-Grossense em Brasil, a agricultura urbana, como contribuição para a
segurança alimentar e cidadania, vem sendo estimulada através de um projecto desenvolvido

com o poder público de Corumbá e Ladário, Universidade
da Criança e Associação dos Técnicos em Agropecuária
dos Assentamentos de Corumbá.

Mushamba (2005) explica que a agricultura urbana intensiva e de maior rendimento praticada em áreas maiores localizadas na periferia de Harare em Zimbábwe, pode atrair financiamento suficiente para a sua implantação e crescimento. Esses investimentos provêm, principalmente, de financiamentos privados e de instituições vocacionadas ao financiamento de agro-negócios. Refere-se ainda que a posse legalizada pelo arrendamento de longo prazo, o potencial de altos retornos, e a tradição acumulada no financiamento desse tipo de projecto são fundamentais para aumentar a disponibilidade de serviços de apoio financeiro para a área da agricultura urbana.

Como verificamos, os autores acima referenciados abordam a actividade agrícola no meio urbano empregando várias perspectivas. Assim, Pessoa et al. (2006) e Monteiro (2006) estudaram a agricultura urbana numa perspectiva economicista, vendo a agricultura como fonte de rendimento e de emprego. Mbiba (2000) e Castro (2006) analisam a agricultura urbana numa perspectiva geográfica. Assim, Mbiba (2000) dá ênfase aos problemas de ordenamento territorial que a agricultura urbana cria aos planos de urbanização em Harare.

Mbiba (2000) também faz uma abordagem estruturalista sobre a agricultura urbana. Refere que o crescimento e a expansão geográfica da agricultura urbana no Zimbábwe são atribuídos, em grande medida, aos duros efeitos dos "Programas Económicos de Ajuste Estrutural" (PEAE). O impacto negativo dos PEAE manifestou-se na erosão dos salários básicos, na escalada dos preços dos produtos da cesta básica e no aumento da desigualdade as classes sociais.

Para efeitos do presente estudo iremos nos guiar basicamente pela perspectiva do construtivismo social. Como referem Denzin e Lincoln (2006) os seres humanos não conseguem encontrar ou descobrir conhecimento tanto quanto o construímos ou elaboramos. Inventamos conceitos, modelos e esquemas para entender uma experiência, e testamos e modificamos continuamente essas construções à luz de uma nova experiência. Denzin e Lincoln (2006) realçam ainda que com a teoria construcionista social, inventamos conceitos, modelos e esquemas para entender uma experiência e testamos e modificamos continuamente essas construções à luz de uma nova

o feitas de forma isolada, mas sim dentro de um grupo
nas.

Quivy (2003) observa que para além de a teoria construtivista social verificar hipóteses e recolher ou analisar dados específicos, também serve para abrir pistas para a reflexão, alargar e precisar os horizontes de leitura, tomar consciência das dimensões dos aspectos de um dado problema, nos quais o investigador, não teria pensado espontaneamente. Esta teoria valoriza a importância da validade de significados subjectivos.

Assim, achamos que esta teoria se adequou ao objectivo da nossa pesquisa, já que a partir desta teoria conseguimos chegar a resultados que mais à frente vamos apresentar, e que nos permitem concluir quer conseguimos responder à nossa pergunta de partida e alcançar os objectivos que traçamos.

4. Métodos e técnicas de recolha de dados

Neste capítulo apresentamos os métodos que usamos para recolha de dados, onde e como os recolhemos e quem nos forneceu informação.

Para a elaboração deste relatório passamos por um conjunto de processos, que começaram com a consulta a vária literatura sobre a agricultura urbana. A consulta foi feita nas bibliotecas Brazão Mazula e na do Departamento da Antropologia e Arqueologia da Universidade Eduardo Mondlane também fizemos consulta na *Internet* sobre agricultura urbana. Depois fomos na sede do Bairro Bagamoyo no sentido de colher informações relacionadas com a localização da área onde efectuamos o nosso estudo. Procuramos nos informar também junto dos especialistas que entendem a matéria da agricultura.

aA recolha de dados decorreu entre os dias 05 a 30 de Janeiro de 2012. Nesta fase de pesquisa trabalhamos com oito informantes com quem mantínhamos conversas diárias, acompanhando as suas actividades para a partir deles captarmos as percepções e as práticas da agricultura no meio

vice-presidente da União das Associações, um vogal- e cinco membros da Associação Marcelina Chissano de Bagamoyo, que foi o local onde realizamos nossa pesquisa.

Em termos de acesso aos informantes, o vice-presidente da União das Associações foi quem se mostrou mais aberto e disponível para falar da organização como um membro fundador e conhecedor das matérias relacionadas com a agricultura urbana e da história da instituição. O vogal-tesoureiro da AMCB, foi a pessoa indicada pela direcção da associação para falar da associação e por estar a tempo inteiro ligado à vida da mesma. Quanto ao extensionista, na sua função é o único que podia falar da sua actividade e esteve também sempre disponível para conversar. Em relação aos cinco membros da associação, a base da sua escolha obedeceu ao facto de dois serem praticantes da agricultura urbana desde 1982, altura em que foram feitos os parcelamentos com vista a organização da actividade e por isso serem experientes na área; duas por serem mulheres e por isso o nosso interesse em perceber suas experiências numa actividade com grande predomínio de homens⁴ e um jovem que entrou na associação a 5 anos. Esta escolha foi feliz já que conseguimos colher informações importantes de acordo com e experiencia de cada um dos nossos informantes.

A nossa pesquisa baseou-se na recolha de dados etnográficos, onde a par da observação, fizemos também as entrevistas não estruturadas que nos permitiram aprofundar os assuntos relacionados com o nosso tema. De acordo com Richardson (1989) a entrevista não estruturada dá vantagem de sabermos como e porque algo ocorre, em lugar de determinar a frequência de certas ocorrências nas quais o pesquisador acredita.

Outra grande razão de uso das entrevistas não estruturadas, é que, segundo Burgess (2001) também podem ajudar na descoberta de pormenores que o entrevistador não presenciou e que podem ser captadas a partir deste tipo de entrevista. Estas podem ajudar o entrevistador no acesso a situações que, ao longo do tempo e conforme o lugar ou a própria situação podiam ser fechadas (Burgess 2001:116)

⁴ Encontramos muitos homens a praticar a agricultura urbana, porque a percepção que as pessoas têm sobre a actividade no meio urbano é de este é um emprego e não somente uma actividade para garantir a sobrevivência. Verificamos também a questão do preconceito das mulheres em fazer este tipo de trabalho no meio urbano, embora haja um número considerável de mulheres que se dedicam a este trabalho.

O nosso estudo permitiu-nos colher dados que nos conduziram à obtenção de resultados sobre astendências das práticas e representações sobre a agricultura urbana na Cidade de Maputo, bem como das estratégias de produção e estratégias de venda dos produtos produzidos pelos agricultores nesta cidade.

5.1 Práticas da agricultura urbana na cidade de Maputo

Neste capítulo apresentamos o que se faz em matéria de agricultura urbana⁵ na AMCB, nomeadamente: a forma como os agricultores estão organizados e as formas como estes organizam as suas actividades, o tipo de culturas que se cultivam, o tipo de apoios que os agricultores associados na cidade de Maputo recebem, as relações que se estabelecem entre os membros no processo de produção, bem como a gestão que cada agricultor faz na sua propriedade.

⁵A agricultura urbana é entendida pela FAO (2004) como uma actividade realizada em pequenas áreas dentro de uma cidade, ou em sua volta (peri-urbana), sendo destinada à produção de culturas para o consumo próprio ou para a venda, em pequena escala, em mercados locais.

Segundo Mougeot (2004) as definições sobre agricultura urbana apresentam uma lacuna na medida em que muitas das mais usuais do que vem a ser a "agricultura urbana" desprezam uma característica crítica que a faz ser realmente "urbana". Assim, sugere que o conceito de agricultura urbana precisa evoluir a partir de nossa necessidade de codificar e refinar nossa experiência perceptiva com relação a um fenómeno mundial relativamente novo, de modo a assegurar que ele continue ou se torne mais útil para nós, quando e onde precisarmos dele. A definição geral de Agricultura urbana deve levar-nos a um sistema ou construção conceptual, a uma estrutura de compartimentos interconectados baseados nas experiências do mundo real.

na AMCB, verificamos que nas práticas⁶ da agricultura urbana na cidade de Maputo, esta actividade está organizada em associações onde cada agricultor se integra, como um dirigente da associação disse:

õNa associação pode fazer parte qualquer pessoa que esteja a cultivar nas terras sob controle da nossa associação. A condição para fazer parte da associação é o pagamento de quotas e jóias. Basta cumprir com esse dever pode fazer parte sem qualquer problema e sem nenhum impedimento. Temos incentivado as pessoas a entrarem na associação porque não queremos que ninguém fique de fora. Posso lhe assegurar que todos os que fazem agricultura aqui no Malaúize estão integrados nas associações. Só com associações é que cada membro vê os seus problemas resolvidos com celeridade, basta apresentá-los aos chefes da associação.õ⁷

O que podemos dizer sobre a integração dos agricultores nas associações, é que trata-se de uma obrigação dos dirigentes das associações feita de forma pacífica. Prova disso é que durante a nossa pesquisa não encontramos nenhum agricultor que estivesse fora da associação.

Em comparação com Zimbábwe, encontramos este associativismo, mas não nos mesmos moldes da Cidade de Maputo. Segundo Mbiba (2000) a cidade de Harare promoveu cooperativas de agricultura urbana desde 1985, seguindo uma instrução do Ministério do Governo Local e Planeamento Urbano. Essas cooperativas agrícolas nunca funcionaram como cooperativas no verdadeiro sentido da palavra, mas como grupos organizados para adquirir terras.

⁶Quanto às práticas sociais Accardo e Corcuff (1986), argumentam que consistem em diferentes agentes como fruto do encaminhamento de diferentes estratégias, produzidas a partir da influência de seus *habitus*, e de acordo com suas inserções em determinados campos sociais.

⁷Entrevista com um responsável da associação, realizada no dia 05 de Janeiro de 2012.

em que a competência de autorizar o uso das terras é exclusiva da associação e a mesma tem o direito de impedir o uso de certa propriedade de terra, sempre que for apresentado um problema relacionado com a mesma. Mesmo quando for o caso de o dono da propriedade não estiver, ao vermos alguém a trabalhar que não o conhecemos, mandamos parar imediatamente. Temos a vantagem de conhecermos todos os membros da associação. É por isso que não deixamos ninguém de fora da associação para podermos controlar todo o movimento relacionado com as nossas terras e detectarmos anomalias. É que há muita gente de más intenções que todos os dias procura terras para fins diferentes da agricultura.⁸

A afirmação acima revela um poder que é reconhecido por todos os membros das associações de que os líderes da associação os representam e as associações são uma mais valia para o desenvolvimento da agricultura na cidade de Maputo. A organização dos agricultores em associações serve como estratégia privilegiada para defesa dos interesses daquele grupo e das terras para a prática da agricultura.

Segundo Rocha-Trindade (1995) num grupo social, cada actor possui recursos valorizados pelos restantes actores e cada veículo representa a possibilidade de obter esses recursos. Assim, a estrutura da rede representa uma estrutura de oportunidades para os actores. Achamos que essa forma de organização de trabalho na AMCB, encaixa-se nesta teoria.

É a organização dos agricultores em associações que permite que as terras reservadas à agricultura não sejam vendidas pelos utentes. Um informante disse:

õSe eu pudesse vendia a minha parcela porque já não rendo o suficiente e nem apanho alguém para arrendar porque está situada na parte alta e isso não ajuda

⁸ Entrevista com um responsável da associação, realizada no dia 07 de Fevereiro de 2012.

rrigação. Para regar vou tirar água muito longe e
mento não é satisfatório.⁹ö

Fazendo uma análise desta afirmação, a organização dos agricultores em associações desempenha um papel fundamental para que a agricultura urbana se mantenha, pois se fosse o caso de cada agricultor poder fazer uso da sua terra mediante o seu desejo, então teríamos pouca gente a praticar a agricultura e muitas terras onde se pratica AU actualmente poderiam ter sido usurpadas em benefício de outras actividades económicas ou para outros fins.

No desenvolvimento das actividades na AMCB, não se verifica uma especialização, significando isso que, quer homens quanto mulheres, quer patrões quanto empregados, desempenham as mesmas funções. Um informante referiu que:

õNas nossas actividades não há separação de tarefas. Assim, homens e mulheres fazem quase os mesmos trabalhos, nomeadamente o cultivo da terra, o lançamento da semente, o tratamento das plantas, a venda, a limpeza dos canais por onde corre a água para a rega dos campos agrícolas. Mesmo os empregados fazem o mesmo trabalho que os seus patrões fazem. As pessoas fazem o trabalho de acordo com as exigências de cada momento. A única actividade que muitos patrões não gostam de fazer é a limpeza de valas, por ser um trabalho pesado e que não traz um rendimento individual e as pessoas trabalham para ganhar dinheiro. Assim preferem mandar seus empregados¹⁰ö.

Esta afirmação mostra que a questão de especialização não é fundamental na AU praticada na cidade de Maputo. Entendemos ainda que isto se deve ao facto de o trabalho ser manual e quase homogéneo, onde não há grandes diferenças no processo de produção.

⁹Entrevista realizada no dia 07 de Janeiro de 2012.

¹⁰Entrevista realizada no dia 06 de Janeiro de 2012.

agricultores da cidade de Maputo, produzem basicamente a couve e a alface, como estratégia de vender mais em pouco tempo. Isto deve-se também ao facto de os agricultores fugirem da concorrência dos produtos sul-africanos. Uma informante revelou o seguinte:

“Cultivamos culturas que não levam muito tempo a estar prontas para o consumo e venda, tais como: a couve e a alface que são as culturas principais que aqui produzimos. A alface leva 30 dias e a couve no Verão são 45 dias e no Inverno demora mais um pouco e leva 60 dias. As culturas que levam muito tempo a ficarem prontas para serem vendidas não compensam porque rendemos pouco no final do ano. Também são produtos que estão cheios no mercado e que vêm da África do Sul, principalmente, por isso evitamos produzir. No princípio tentamos produzir quase tudo, mas com o tempo fomos vendo que não vale a pena continuar a produzir porque estávamos a criar uma situação de quebras porque havia muitos produtos que entram da África do Sul e os preços que praticávamos não compensavam tendo em conta os custos de produção. Por isso abandonamos as culturas que dão muito trabalho para as produzir, e passamos a produzir a couve e a alface.”¹¹

As declarações deste informante revelam um conhecimento das dinâmicas do mercado e também de uma capacidade de encontrar estratégias para contornar os problemas que enfrentam na sua actividade. Isto encaixa-se no conceito de *habitus*, visto na teoria de Bourdieu como um conjunto sistemático de princípios simples e parcialmente substituíveis, a partir dos quais podem ser inventadas uma infinidade de soluções que não se deduzem directamente de suas condições de produção.

As actividades desenvolvidas pelos agricultores da AMCG, consistem no plantio de hortícolas para a venda e para o consumo dos agricultores, como disse um informante:

“Aqui na AMCB somos uma associação de agricultores que se dedicam ao trabalho agrícola. Dedicámo-nos ao cultivo de hortícolas, na rega, sacha,

¹¹ Entrevista realizada no dia 05 de Janeiro de 2012.

secticidas para combater as pragas, preparação
Este é que é o dia-a-dia dos associados nesta
organização.¹²

Para Mbiba (2000) a agricultura urbana é uma actividade que se realiza em vazios urbanos cuja produção é voltada para o auto-consumo ou venda no mercado local. Os alimentos produzidos na AU são consumidos basicamente pelas famílias que os produzem, enquanto os excedentes são vendidos nos mercados urbanos.

Cada associação de agricultores tem um extensionista que treina e faz acompanhamento das actividades nas machambas quando é solicitado e quando descobre uma irregularidade durante as rondas diárias que faz pelas machambas. A este propósito um informante disse:

õA minha actividade principal como extensionista na Associação Marcelina Chissano de Bagamoyo é de formar os agricultores sobre como fazer viveiros, como preparar os canteiros, como semear, que variedades são apropriadas para cada época do ano. Realizo o meu trabalho na machamba-escola¹³ e também faço uma ronda pelas machambas para ver e ouvir as dificuldades dos agricultores.õ¹⁴.

Este dado contrasta com a AU no Brasil, onde, segundo Monteiro (2006) a agricultura urbana é um meio de geração de emprego e renda que melhora as condições de vida dos agricultores, embora estes não possuam um treinamento e apresentam um fraco conhecimento do uso das adubos.

Aqui podemos inferir que a agricultura urbana no contexto moçambicano tem a particularidade de uma assessoria directa do governo através da alocação de extensionistas para cada associação.

¹² Entrevista realizada no dia 10 de Janeiro de 2012.

¹³ Machamba da casa agrária onde o extensionista treina os agricultores sobre técnicas para o aumento da produtividade.

¹⁴ Entrevista realizada com extensionista no dia 08 de Janeiro de 2012.

atividades de formação na machamba-escola, e aprendem
extensionistas transmitem. Esta é uma actividade voluntária,
embora exista esforço de levar todos os agricultores a participarem. A este respeito uma
informante disse:

õParticipei na machamba-escola numa formação e aprendi muito. Algumas coisas só aplico e as pessoas se admiram porque não quiseram ir alegando que estão a perder tempo. Agora admiram como é que as minhas culturas têm um crescimento diferente.¹⁵ö

A ideia de formar os agricultores na machamba-escola não é acatada por alguns membros, porque acham que têm conhecimento das técnicas de cultivo e tratamento das plantas obtido através das experiências que adquiriram desde crianças, como um informante disse:

õCresci a ir à machamba com minha mãe em Zavala por isso trabalho com algum conhecimento. Tenho experiência desde criança e o que aplico aqui não é nada de novo. Fui a machamba-escola uma vez, mas não gostei. Esperava ir ver coisas novas, mas tudo o que o extensionista nos ensinou são do meu conhecimento¹⁶.ö

Um outro informante disse:

õTenho sentido que os extensionistas fazem a sua parte, nós os associados não temos tirado maior proveito porque não participamos na formação. A participação nas aulas da machamba-escola é livre por isso não há penalizações nenhuma, só que a não participação tem impacto que é a pessoa não saber novas coisas e só se admirar quando outras pessoas mudam a forma de fazer as coisas.¹⁷ö

Aqui podemos dizer que, a questão da agricultura urbana é uma continuação da agricultura que pode ser chamada uma actividade do campo. Grande parte dos agricultores não alteram as

¹⁵ Entrevista realizada no dia 10 de Janeiro de 2012.

¹⁶ Entrevista realizada no dia 07 de Janeiro de 2012.

¹⁷ Entrevista realizada no dia 13 de Janeiro de 2012.

as de origem. Mesmo os que alteram, conservam muitas
ações.

Segundo Brandenburg (1998) sendo agricultura uma actividade basicamente realizada no meio rural, a sua prática no meio urbano continua obedecendo ao modelo rural, sendo que na cidade o ambiente rural é reconstruído mediante uma diversidade de actividades e com processos produtivos que combinam diferentes tipos de saberes (Brandenburg 1998:8). Essa reconstituição consiste no uso de novas técnicas e formas de organização, neste caso, a organização dos agricultores em associações, o treinamento dos agricultores e a existência de extensionistas para fazer assistência das actividades nas machambas.

Através da sua organização dos agricultores, o governo consegue dar a sua ajuda ao sector da agricultura urbana. Essa ajuda verifica-se principalmente em casos de cheias que arrastam as culturas, segundo a declaração do extensionista:

o apoio consiste em contactar a casa agrária para disponibilizar sementes que são canalizadas para a machamba-escola que faz viveiros e os distribui pelos agricultores afectados pela calamidade. As sementes usadas para preparar os viveiros são inteiramente compradas pelo governo através dos serviços distritais da agricultura e são distribuídas gratuitamente aos necessitados e estes continuam assim com as suas actividades. Mesmo que alguém não pudesse ter meios para desenvolver sua actividade, com este apoio isso deixa de ser problema e isso também evita que os agricultores de pouca posse se endividem.¹⁸

Um outro informante argumentou:

Através da Associação o governo apoia o sector da agricultura através de alocação de um extensionista que vela por uma única associação. Este tem a missão de verificar que cada agricultor faz o seu trabalho e aconselhar sobre o tipo de sementes a usar em cada período do ano, o tipo de adubo adequado, o tipo de insecticidas a serem aplicados para eliminar cada tipo de praga. Os extensionistas nos aconselham ainda sobre a necessidade de limparmos as valas para que a água possa correr e evitar que algumas zonas fiquem sem

¹⁸ Entrevista realizada no dia 07 de Janeiro de 2012.

adadas. Desde que temos extensionistas na nossa
e tínhamos diminuíram e alguns acabaram
mesmo.¹⁹

A disponibilização de extensionistas para as associações é uma forma que o governo encontrou para dar apoio ao sector da agricultura urbana, na cidade de Maputo.

Em comparação com o que a literatura refere sobre o Zimbábwe, e Togo, onde os governos chegam até a desmotivar a prática da agricultura na zona urbana. Falando sobre a AU em Lomé, Mougeot (2004) diz que a agricultura no meio urbano é tolerada por motivos políticos. Assim, deixar as pessoas praticarem a agricultura é uma oportunidade que não deve ser desprezada, já que os eleitores urbanos que se esforçam por ter acesso a alimentos, renda e saneamento, têm uma influência cada vez maior na política nacional e local.

Este cenário se verifica igualmente no Zimbábwe. De acordo com Moura (2000) a tolerância da agricultura urbana em outros centros urbanos como Gweru, pode ser considerada como mais motivada politicamente do que uma intervenção de planeamento consciente, já que os agricultores só são deixados realizar a sua actividade para garantir que estes participem nos momentos de votação.

Entretanto, encontramos similaridades em relação a Cuba onde, segundo Castro (2006) a agricultura urbana é apoiada pelo governo como estratégia do uso de terrenos ociosos, assim, existe um Programa de Agricultura Urbana na cidade de Cienfuegos que objectiva estimular o uso agrícola de áreas livres e oferecer mais opções para a produção local de alimentos na cidade e em sua periferia.

Segundo os nossos informantes, existem épocas do ano que são favoráveis para a prática da agricultura e outras que não são. Assim, a época com actividade intensa é no Inverno porque as culturas são menos exigentes em termos de rega e também há poucas pragas. No Verão há até os

¹⁹ Entrevista realizada no dia 20 de Janeiro de 2012.

que possuem meios é que resistem. Neste contexto um

õ Não trabalho da mesma forma durante todo o ano. Nos últimos anos, quando faz muito calor paro porque não é fácil tratar as plantas nessa época e há muitas pragas. Nos anos passados ainda tentava fazer qualquer coisa, mas ultimamente aquece muito e as pragas são muitas e resistem aos pesticidas que usamos. É preciso usar pesticidas fortes e esses são muito caros. Só os que possuem dinheiro é que os conseguem comprar e produzirem no Verão em pleno sol e calor. É preciso ter empregados para ajudar porque é preciso regar, mas regar bem. As plantas no Verão são muito exigentes. Não só por causa da rega mas também por causa dos produtos químicos e adubos para garantir que as culturas saiam com qualidade para serem comprados sem rejeição.õ²⁰

De acordo com Castro (2006), agricultura urbana é uma actividade guiada pelas características de um certo agro-ecossistema, mas está sujeita às complexas relações do ecossistema urbano, o que pode colocar problemas para a sua sustentabilidade. Deste modo, podemos inferir que a actividade agrícola não é feita na mesma intensidade ao longo do ano. Há épocas em que há muita produção e épocas em que a actividade abranda. Assim a agricultura na cidade de Maputo é uma actividade que para alguns agricultores é uma actividade sazonal.

Os empregados que são õcontratadosõ pelos agricultores urbanos desempenham também a função de transportadores dos produtos comprados nas machambas, por autorização dos seus patrões. Este trabalho é feito nas primeiras horas do dia e para garantir que a partir de cerca das sete horas os empregados possam fazer o trabalho nas machambas dos seus patrões. Um informante disse:

õ Os nossos empregados estão livres de fazerem trabalhos extra. Autorizámo-los a fazerem trabalhos como carregadores das trouxas das pessoas que compram os nossos produtos, de preferência os comprados na mesma machamba onde

²⁰Entrevista realizada no dia 09 de Janeiro de 2012.

os deixamos fazer para não usarem o seu salário
arem o salário para fazerem outras coisas mais

importantes.²¹

Achamos que esta é uma forma que os patrões encontraram para garantir o reforço da renda dos seus empregados e para garantir que estes não exijam salários elevados.

A agricultura praticada na cidade de Maputo abastece os mercados da cidade de Maputo, os das províncias do sul de Moçambique e também o mercado sul-africano em alface, couve, folhas de abóbora e beterraba açucareira, como um informante disse:

Os nossos produtos têm sempre compradores porque não dependemos apenas dos que compram para revender aqui na cidade, embora constituam a maioria. Há muita procura nos nossos produtos. Há pessoas que compram para revender na África do Sul e noutras províncias como Gaza e por vezes até pessoas de Inhambane aparecem para comprar os nossos produtos para irem revender²².

Esta informação prova que a actividade agrícola na cidade de Maputo beneficia não apenas os cidadãos de Maputo, como também o abastecimento dos mercados de fora da cidade de Maputo, como também os mercados da África do Sul. Assim, a agricultura urbana não é uma actividade fechada.

De acordo com Mougeot (2004) de uma forma geral, ainda que a natureza das concentrações urbanas e de seus sistemas de abastecimento de alimentos tenha mudado, a necessidade da AU de interagir adequadamente com o resto da cidade, por um lado, e com a produção rural e as importações, por outro, continua sendo tão decisiva hoje como era há milhares de anos.

Nem todas as terras são usadas pelos respectivos donos. Muitas das parcelas são arrendadas. Mesmo os que têm terras suas, arrendam outras como forma de aumentar o espaço para a produção. Um responsável da associação disse:

²¹ Entrevista realizada no dia 05 de Janeiro de 2012.

²² Entrevista realizada no dia 12 de Janeiro de 2012.

os das machambas preferem arrendar as suas
actividades porque isso lhes dá uma mais valia.

*Quando arrendam as terras e eles fazem outras actividades, quer dizer que eles juntam o dinheiro de arrendamento e os rendimentos de outras actividades que fazemö.*²³

Isto nos leva a considerar que o sistema de arrendamento de terras é mais uma das estratégias usadas pelos agricultores que, mesmo não se envolvendo directamente no processo de produção, tiram rendimentos da agricultura urbana. Assim, a agricultura urbana não pode ser vista apenas do ponto de vista dos que a praticam, mas a própria terra intervém como um recurso que permite aos que a ostentam a fazerem parte indirecta no processo.

Outro aspecto que podemos observar durante a nossa pesquisa em relação às práticas sobre a agricultura urbana, é que os agricultores com menos posse tendem a ser os que têm mais dificuldades de obter espaços para a prática da actividade agrícola. Assim, encontramos agricultores que por causa das dificuldades preferem arrendar seus espaços de cultivo, ficando a trabalhar em espaços reduzidos, como um informante disse:

*õEste espaço onde estou a trabalhar era de uma senhora que por causa de dificuldades teve que me ceder para arrendar. Não é só aqui que ela entregou, mas há mais duas machambas que ela teve que alugar a um nosso colega. Ali ele só trabalha para ter qualquer coisa para comer e evitar comprar verduras. "*²⁴

Este depoimento mostra que apesar de estarem inscritos na associação, nem todos os agricultores têm as mesmas oportunidades. Dentro da associação encontramos diferenciações sociais. Assim há agricultores que procuram tirar maior proveito do seu poderio financeiro e acabam usando as terras de outros, enquanto outros agricultores de baixa renda é que procuram pessoas com capacidade para explorarem as suas terras e também daí tiram proveito.

Fazendo uma comparação com o que acontece com os produtores de cana-de-açúcar, no Brasil, encontramos similaridades. õOs proprietários que não conseguem enfrentar os grandes

²³ Entrevista realizada no dia 08 de Janeiro de 2012.

²⁴ Entrevista realizada no dia 05 de Janeiro de 2012.

extraem seu sustento exclusivamente da produção obtida em quantidade reduzida em tamanho que para ser cultivada precisa de adubos (Estarcietal. 2001:178).

Neste capítulo podemos concluir que a forma como se organizam os agricultores da AMCB se enquadra na perspectiva de laço social. Segundo Méda (1999) esta baseia-se na reciprocidade, da utilidade e do contrato social, onde cada membro do grupo, prestando a sua contribuição, desenvolve o seu sentido de pertença à sociedade e assim fica ligada a ela porque dele precisa porque lhe é útil. As associações desempenham um papel muito importante na manutenção não só do grupo, como da actividade e da propriedade da terra. A gestão da terra pela associação, com poderes para autorizar ou impedir o uso da terra, faz com que as pessoas não façam cada uma o que lhe apetece com a terra que possui.

5.2 Representações sociais sobre a agricultura urbana na cidade de Maputo

Ao falarmos das representações²⁵ sobre a agricultura urbana na cidade de Maputo, pretendemos analisar o que os agricultores da AMCB pensam sobre a sua actividade e a forma como eles têm sido vistos pela sociedade e como é que eles se posicionam perante outras actividades económicas. Lembramos que um dos pontos que constituem o nosso problema de pesquisa é o facto de existir literatura que sugere que a agricultura devia ser desincentivada no meio urbano, para privilegiar outras actividades económicas que se adequam às condições do meio urbano.

Para os praticantes da agricultura urbana existe um reconhecimento quer por parte dos associados, como por parte dos responsáveis das associações e dos extensionistas de que a organização dos agricultores urbanos em associações constitui uma mais valia para a actividade agrícola na cidade de Maputo. Um informante disse:

²⁵As representações sociais segundo Araújo (2008) podem ser entendidas como imagens construídas sobre o real. Elas são elaboradas na relação dos indivíduos em seu grupo social, na acção no espaço colectivo comum a todos, sendo assim, diferente da acção individual. O espaço público é o lugar onde o grupo social pode desenvolver e sustentar saberes sobre si próprio, saberes consensuais, isto é, representações sociais.

...r parte da associação é uma mais valia porque
...idos como problemas de todos. Também na
associação os problemas que podiam ser difíceis passam a ser fáceis de
resolver. Existe uma grande colaboração entre nós dentro da associação.²⁶

A afirmação acima transcrita nos leva a constatar que na actividade agrícola no meio urbano, as associações se guiam também por um processo de interacção. Como refere Araújo (2008), as representações sociais são o fruto de um processo sempre actuante, desencadeado pelas acções colectivas dos indivíduos, mas implicam um reflexo nas relações estabelecidas dentro e fora do grupo, no encontro com outros indivíduos ou outros grupos sociais.

Graças a esta interacção, os problemas de um são tidos como problemas de todos. Assim se um agricultor tem problemas e os outros o ajudam, quer dizer que ele também deve ajudar a outros que numa outra situação possam ter problemas.

Os nossos entrevistados vêm sua actividade como algo muito importante para a sociedade e que deve ser acarinhada. Estes vêm a agricultura urbana como uma actividade sustentável, como um informante disse :

*õA agricultura é a base de desenvolvimento como dizia Samora, por isso é uma actividade sem a qual as pessoas não podem viver. Ela é uma actividade com a qual se pode viver e desenvolver sem precisar de fazer qualquer outra actividade. Se pode viver só da agriculturaö.*²⁷

Um outro informante acrescentou:

õEu acho que a agricultura é uma actividade muito importante pois sem ela não podemos viver. Ultimamente somos vistos como pessoas com muito dinheiro porque vendemos quase que mensalmente e também não precisamos de comprar certos

²⁶ Entrevista realizada no dia 13 de Janeiro de 2012.

²⁷ Entrevista realizada no dia 12 de Janeiro de 2012.

nder mas também para o consumo ao nível

Para os nossos informantes, a sua actividade é considerada como tendo muitas vantagens em relação a algumas actividades económicas que não encontram motivos para trocarem a agricultura por outras actividades, como um informante confessou:

*õGosto desta actividade e me sinto bem com ela porque, já fiz muita coisa que outras pessoas que se dizem ir trabalhar todos os dias a um patrão não conseguem. Também consigo cozinhar para os meus filhos todos os dias mesmo quando não tenho dinheiro porque, trago as coisas da minha machamba. Graças a esta actividade consigo formar os meus filhos, adquirir um terreno e construir. Também consigo ajudar a minha família. Mando para ela um rancho sempre que posso ou quando ela solicita. Na minha carteira há sempre algum dinheiro e isso me enche de alegria de saber que não passo as mesmas dificuldades que muitas pessoas passam.õ*²⁹

As associações servem também como espaços onde se desenvolvem outras redes sociais, através das quais as pessoas se inter ajudam, como um informante reconheceu:

*õA associação ajuda até em questões familiares como nos problemas pessoais, problemas entre casais, pequenas ajudas às crianças em material escolar e mesmo nas actividades da agriculturaõ.*³⁰

Segundo os informantes, a agricultura é uma fonte de subsistência e é também uma actividade que garante prosperidade, bastando um bom investimento. O investimento que deve ser acompanhado pela criatividade. Juntos estes factores possibilitam sucesso da actividade, como um informante disse:

õAgricultura é uma actividade rentável. As pessoas que praticam agricultura aqui têm as condições de vida minimamente aceitáveis e há até os que são ricos

²⁸ Entrevista realizada no dia 14 de Janeiro de 2012.

²⁹ Entrevista realizada no dia 15 de Janeiro de 2012.

³⁰ Entrevista realizada no dia 30 de Janeiro de 2012.

...s colegas que vivem bem e não passam qualquer
... conheço colegas que têm carros a fazer chapa que
compraram com dinheiro da machamba. Muitos que têm casas a arrendar e no
fim de cada mês juntam os rendimentos da machamba e os rendimentos dessas
outras coisas que dei aqui como exemplo e só imaginar o que essas pessoas têm
como rendimento no fim de cada mês ou de um ano.ö³¹

Podemos assim deduzir que a AU na cidade de Maputo, permite que certas pessoas vivam com base nela e sem precisar de realizarem outras actividades para aumentarem as suas rendas.

A agricultura urbana é uma actividade que serve de alternativa para as pessoas que se deslocam de fora para a cidade de Maputo à procura de emprego e que acabam se dedicando na mesma, como um informante disse:

*õDos empregados que nós temos aqui, na sua totalidade são das províncias que se deslocam para aqui à procura de emprego e quando não encontram à primeira, eles se empregam na agricultura. Por isso nunca temos falta de empregados embora trabalhem pouco tempo. O que acontece é que quando eles saem e chega um outro familiar deles a procura de emprego eles nos trazem e assim sucessivamenteö.*³²

Aqui podemos dizer que a AU é também uma actividade económica que serve de meio de geração de emprego, pois o que verificamos no terreno é que, há muita gente empregada nesta actividade. Há agricultores que empregam mais de cinco trabalhadores.

Fazendo uma comparação com a prática da agricultura em outras partes do mundo, podemos dizer que o mesmo cenário se verifica na agricultura urbana no Brasil. Segundo Almeida (2004) no Brasil, os moradores das comunidades urbanas e periurbanas de baixa renda são, principalmente, oriundos da zona rural de outras regiões do estado e se dedicam à agricultura dos quintais.

³¹ Entrevista realizada no dia 28 de Janeiro de 2012.

³² Entrevista realizada no dia 30 de Janeiro de 2012.

representações sociais da AU, a conclusão que tiramos é das representações sociais. Segundo Moscovi (1978) as representações sociais, são uma série de opiniões, expressões e afirmações que são produzidas a partir do quotidiano dos grupos, sendo a comunicação interpessoal importante neste processo.

Estarcietal. (2001), realçam que as representações constroem realidades e conseguem na medida em que forem incorporadas pelos sujeitos/objectos que as assumem e que, ao incorporá-las, introduzem em si a imagem que delas se fazem os outros e então se transformam em portadoras dessa imagem, reproduzindo-a. As narrativas socialmente construídas em suas dimensões de identidade e simbólicas fornecem matéria prima para a reflexão antropológica (Estarcietal. 2001:181).

5.3 Formas de produção

Nas formas de produção, vamos apresentar as estratégias de produção que são adoptadas pelos agricultores da AMCB para produzir, como forma de cada um conseguir mais rendimentos em relação aos outros agricultores.

Na prática da actividade agrícola no meio urbano constatamos várias estratégias. Há agricultores que quando descobrem uma técnica de produção, guardam consigo como forma de ter mais rendimentos em relação aos outros agricultores, como um informante revelou:

Eu tenho um amigo branco que trabalha na Farmac e que conhece bem as drogas e boas sementes por isso nunca parei de produzir. Produzo quase da mesma forma durante todo o ano e não tenho quebras porque os custos de produção são compensados pelos preços altos porque há muita procura e os que produzem são poucos. Isso é um segredo meu e os meus colegas só se admiram

parar. No princípio pensavam que eu tinha

Com este depoimento entendemos que o tempo em que os custos de produção são tidos como elevados, é propício para os que conseguem produzir tirarem maior proveito económico pois, os preços são favoráveis para isso.

A actividade da agricultura urbana é, maioritariamente, garantida pelos empregados. São eles que fazem a maior parte de trabalho, quer de cultivo, rega, sementeira, como um informante reconheceu:

Os empregados são muito importantes no trabalho agrícola aqui. Eles participam em todas as actividades. É verdade que nós aqui não dividimos muito as actividades, mas eles acabam trabalhando mais do que nós os patrões. Eu confio mais nos empregados do que nos meus filhos porque há trabalhos que não aceitam fazer, mas os empregados fazem o trabalho sem hesitação porque trabalham para receber. Na verdade, os empregados acabam por ser os que garantem todo o trabalho e nós muitas das vezes nos limitamos a mandar fazer.³⁴

Entendemos que há um reconhecimento do trabalho dos empregados pelos seus patrões. Como podemos observar durante o nosso trabalho de campo, a relação entre os patrões e os empregados é de òrmandade e isso permite que os empregados trabalhem sem muitas reclamações.

Os considerados maiores produtores têm clientes fixos, os quais compram quer em momentos de muita produção, quer nos momentos de escassez. A este propósito, um informante disse:

Eu tenho clientes fixos. São clientes com quem trabalho nos momentos bons e nos momentos maus. Mesmo quando não há produto suficiente, quando ligam para reservar não hesito. Temos relações muito boas e temos interesses mútuos. Confiam em mim no sentido de que sempre têm produtos garantidos

³³ Entrevista realizada no dia 05 de Janeiro de 2012.

³⁴ Entrevista realizada no dia 24 de Janeiro de 2012.

dos meus produtos garantida mesmo que seja

Fazendo uma análise do discurso do nosso entrevistado, concluímos que existe uma diferenciação social, já que, nem todos os produtores podem produzir nas mesmas circunstâncias. Sendo assim, os que param de produzir num determinado período do ano acabam por ficar temporariamente à margem do processo, retomando quando as condições naturais favorecem, enquanto os outros agricultores conseguem produzir durante todo o ano.

5.4 Estratégias de venda

Neste capítulo vamos apresentar as diversas formas adoptadas pelos agricultores urbanos da AMCB para colocarem o seu produto no mercado.

Na nossa pesquisa de terreno encontramos diversas estratégias de venda. Enquanto uns esperam pelos clientes nas suas machambas, há os que fazem contactos com clientes e isso permite vender os produtos a bons preços, como um informante revelou:

õEu tenho uma forma diferente de vender. Vendo para pessoas que se deslocam a procura dos produtos aqui na machamba, mas a minha grande fonte são os hotéis, hospitais e os que compram para revender fora de Maputo. Faço contactos por telefone e acertamos os preços e quando vêm tirar os produtos está tudo acertado. Por isso os meus preços são diferentes, mas os meus colegas não se apercebem. Os meus clientes sabem que forneço produtos de qualidade e durante todo o ano por isso aceitam os preços que aplico³⁶.õ

Nos momentos em que há muita produção e como os produtos devem sair, há agricultores que entregam o produto para as pessoas irem vender e pagar depois, como nos disse um informante:

³⁵ Entrevista realizada no dia 09 de Janeiro de 2012.

³⁶ Entrevista realizada no dia 22 de Janeiro de 2012.

uto na machamba é muito e corre o risco de se
par aos clientes de confiança a preços baixos.

*Mesmo quando não têm dinheiro eu dou para vender para depois trazerem quando vierem comprar outros produtos num outro dia. Nunca tivemos problemas porque, como disse, são clientes com quem trabalhamos há muito tempo.*³⁷

Encontramos também agricultores que preferem vender para os que compram hortícolas nas machambas de agricultores de Malaúze para revenderem na África do Sul. Em conversas soubemos que estes gozam de privilégio pois pagam e sem reclamações por um lado e por outro, não levam os produtos à vale, como disse um informante:

*Os que compram para revender na África do Sul têm a vantagem de pagar logo e não apresentam reclamações, porque exigem qualidade. Eles só levam produtos que apresentam um bom aspecto por isso não compram em qualquer machamba. Nas minhas machambas eles compram porque trato bem as plantas e tenho clientes permanentes.*³⁸

Um outro informante disse:

*A minha produção destina-se à venda para as senhoras que compram para revender nos mercados locais. Nunca tive a sorte de vender para os que vão revender na África do Sul. Mas também com a produção alimento a minha família. Raras vezes compro verduras, aliás mesmo quando compro é nas minhas colegas que muita das vezes me oferecem.*³⁹

A questão de vender os produtos da AU na África do Sul e outros sítios fora da cidade de Maputo, enquadra-se nos impactos da globalização desta actividade. Segundo Mougeot (2004) na agricultura urbana, a produção e a venda (e também o processamento) tendem a estar mais

³⁷ Entrevista realizada no dia 19 de Janeiro de 2012.

³⁸ Entrevista realizada no dia 05 de Janeiro de 2012.

³⁹ Entrevista realizada no dia 17 de Janeiro de 2012.



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

o, graças à maior proximidade geográfica e ao fluxo de

Para terminar este capítulo, podemos dizer que a agricultura urbana é de grande utilidade, não apenas para os agricultores, mas também para os beneficiários. Talvez seja por causa disso que, diferentemente de outros países de África onde ela é marginalizada, na cidade de Maputo é apoiada. Segundo Pessoa et al. (2006) a prática da agricultura no meio urbano, quando devidamente regrada, aumenta a quantidade de alimentos disponíveis, melhora a segurança alimentar em épocas de crise ou grave escassez de alimentos, melhora o grau de frescura de alimentos perecíveis e, ainda, oferece oportunidades de empregos produtivos num sector em que os obstáculos ao ingresso são de pouca importância.

O estudo que fizemos nos permite inferir que a agricultura urbana é uma construção social na medida em que ela é continuação da agricultura feita no meio rural. Não Segundo Mougeot (2004) a agricultura urbana é diferente da agricultura rural (e complementar a ela) justamente por que ela está integrada no sistema económico e ecológico urbano.

O nosso estudo permitiu-nos verificar que as pessoas que praticam a agricultura urbana na AMCB são na sua maioria provenientes de fora da cidade de Maputo e que aplicam as técnicas que vêm usando desde as suas zonas de proveniência.

A agricultura urbana é influenciada pelas condições naturais porque no Verão há poucas pessoas a praticarem a agricultura dado que as condições não são favoráveis, enquanto que no Inverno há mais pessoas a trabalharem na agricultura. De acordo com Castro (2004) a agricultura urbana é uma atividade guiada pelas características de um certo agro-ecossistema, mas está sujeita às complexas relações do ecossistema urbano, o que pode colocar problemas para a sua sustentabilidade.

Grande parte dos proprietários das terras não se dedicam à agricultura preferindo arrendar as suas terras e fazendo outras actividades. Entendemos que esta é também uma forma de participação na AU, pois, mesmo sem se envolverem directamente, os que arrendam suas terras participam de forma indirecta no processo.

Existe uma intervenção do governo na agricultura urbana através de envio de extensionistas que prestam assistência e formam os agricultores em matérias de actividade agrícola e apoio em viveiros e sementes em casos de uma calamidade natural.

Tomando como base os dados da AMCB, podemos inferir que, a agricultura urbana é uma das primeiras alternativas de emprego para as pessoas que se deslocam para a cidade de Maputo à procura de emprego, principalmente os jovens. De acordo com Machado (2002) a prática da agricultura urbana que compreende o exercício de diversas actividades relacionadas à produção de alimentos e conservação dos recursos naturais dentro dos centros urbanos ou em suas respectivas periferias, surge como estratégia efectiva de fornecimento de alimentos, de geração de empregos, além de contribuir para a segurança alimentar e melhoria da nutrição dos

são de uma forma geral sazonais e não há contratos.

Assim concluímos que a organização da agricultura urbana em associações constitui a base estratégica para a estabilidade desta actividade no meio urbano, pois só com esta forma de organização é que é possível alocar os extensionistas e resolver vários problemas que os agricultores de forma isolada não seriam capazes de saná-los. O facto de as associações possuírem títulos de propriedade e poder para impedir ou autorizar o uso de uma parcela de terra, confere segurança das terras dos agricultores. Só assim é que é possível defender as terras das associações, embora em algumas vezes as pessoas consigam transpor a barreira e adquirir a terra aos agricultores, principalmente aos de pouca renda. Essas terras são maioritariamente adquiridas por singulares para construir suas habitações.

Aqui se aplica a teoria das representações sociais que segundo Moscovi (1978) constituem uma resposta do grupo às intervenções externas que põem em perigo sua identidade colectiva e para o modo como o grupo se vê e quer ser visto pelos outros.

A agricultura praticada na cidade de Maputo, permite o abastecimento em verduras aos mercados nacionais e o mercado sul-africano, bem como para o consumo por parte dos praticantes. Pessoa et al(2006) realçam que, a prática da agricultura no meio urbano, quando devidamente regrada, aumenta a quantidade de alimentos disponíveis, melhora a segurança alimentar em épocas de crise ou grave escassez de alimentos, melhora o grau de frescura de alimentos perecíveis e, ainda, oferece oportunidades de empregos produtivos num sector em que os obstáculos ao ingresso são de pouca importância. Em todo o mundo, principalmente nos países menos desenvolvidos, verifica-se um crescente número de residentes urbanos que se dedicam às actividades agrícolas.

Em termos de perspectivas para estudos futuros sobre a agricultura urbana, encontramos alguns aspectos que mesmo com o nosso estudo ainda constituem uma lacuna. Alguns aspectos acabamos tocando de forma subtil, mas que precisam de um aprofundamento no futuro. Segundo Mougeot (2004) na prática, a agricultura urbana está desenvolvendo sua capacidade para ajudar a resolver ou enfrentar diversos desafios do desenvolvimento. Ela é estimulada por uma complexa rede de factores ainda não muito claramente entendidos, entre os quais a pobreza urbana e a

preponderantes. No nosso estudo encontramos razões para
pobreza urbana e a prática da agricultura.

Desses factores ainda não devidamente entendidos, no caso da AU na cidade de Maputo merece destaque a questão do conflito de terras entre os agricultores ou suas associações e pessoas singulares que precisam das mesmas para construir habitações ou outras infra-estruturas. Este estudo poderá nos mostrar qual poderá ser a posição da agricultura urbana no futuro tendo em conta estas disputas de terra que já fizemos referência.

Um outro aspecto que pode ser estudado na AU é a questão de cada vez mais espaços não estarem a ser utilizadas devido a dificuldades de acesso à água para rega que tende a ser escassa principalmente no Verão e estas passarem a ser alvo de concorrência pelos que as pretendem para construção a prática de culturas de ciclo. Aqui achamos que é preciso fazer um estudo que iria nos conduzir a perceber as futuras dinâmicas de gestão do solo urbano, concretamente o planeamento do solo urbano como é feito noutros países, como Zimbábwe e Zâmbia.

Ainda outro campo que pode ser estudado na AU pode ser o papel da agricultura urbana no combate à pobreza urbana, visto que há sinais de que há uma série de elementos que concorrem para a redução da pobreza. É que, na agricultura urbana se integram actividades como o cultivo, o transporte e a comercialização dos produtos, tornando-se assim interessante ver como é que estas actividades concorrem para a redução da pobreza, olhando principalmente para o número de pessoas envolvidas neste processo.

Accardo, A. e Corcuff, P. 1986. *A Sociologia de Bourdieu*. Bourdeaux: Ed. LeMascaret.

Almeida, D. (2004) Agricultura urbana e segurança alimentar em Belo Horizonte: cultivando uma cidade sustentável.

<http://orgprints.org/17368/1/almeida-RAgriculturas.2004.pdf> (consultado:23/02/2012)

Araújo, M. de C. 2008. *A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica*. São Paulo, p. 98-119.

Barros, G.S.C. & Silva, S.F. 2004. O saldo comercial do agronegócio e o crescimento da economia brasileira.

http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/saldo_cresc.pdf (consultado :19/07/2011)

Brandenburg, A. 1998. Agricultura e desenvolvimento sustentável. In: *Agronegócios: desafios e perspectivas*. São Paulo: SOBER.

Burguess, Robert. G. 2001 *A Pesquisa de Terreno*. Oeiras: Celta editora.

Mougeot L.J.A. 2004. Agricultura Urbana - conceito e definição

<http://www.scribd.com/doc/91451973/> (consultado: 13/05/12)

Castro A.R.S. 2004. De terrenos baldios a espaços produtivos em Cienfuegos, Cuba

<http://www.mailto:Asocorro@fmec.ucf.edu.cu> (consultado: 23/05/12)

Denzin, N. K. E Lincoln, Y. S. 2006. *Métodos de Pesquisa Planejamento da Pesquisa Qualitativa, Teorias e Abordagem*. São Paulo:2 edição. Editora ARTMEDIA.

Esterci, N; Fry, P; Goldenberg, M . 2001. *Fazendo Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A editora.

Feliciano, José Fialho 1998. *Antropologia económica dos Tsonga do Sul de Mocambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.

Graziano, F. 1982. *Questão Agrária e ecologia - Crítica da Moderna Agricultura*. São Paulo: Editora Brasiliense .

Machado, Altair Toledo 2002. Agricultura Urbana.

<http://www.cpac.embrapa.br> sac@cpac.embrapa.br (consultado : 08/06/ 2011)

[http://www. Agriculturaurbana.org.br/RAU/ruaf.html](http://www.Agriculturaurbana.org.br/RAU/ruaf.html) (consultado: 9 /09/ 2011)

Medá, Dominique 1999. *O Trabalho: Uma Categoria em Extinção*. Lisboa: fim do século edições.

Monteiro, J. Portela e Monteiro, M. de Socorro 2006. Hortas Comunitárias de Teresina: Agricultura Urbana e Perspectivas de Desenvolvimento Local.

http://www.redibec.org/acount/click,prp?id=28_pdf_47-60 (consultado: 05/08/ 2011)

Moura, Joaquim 2002 Agricultura e Silvicultura Urbanas.

<http://www.agriculturaurbana.org.br/>. (consultada no dia 05 Agosto de 2011)

Moscovi, S. 1978. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: zahar.

Mushamba, S. 2005. Diferentes variedades de investimento em agricultura urbana no Zimbábwe.

<http://www.agriculturaurbana.org.br/RAU/ruaf.html> (consultado: 05/08/2011)

Pessoa, C.C.; Souza, M; Schuch, I. 2006. Agricultura urbana e Segurança Alimentar: estudo no município de Santa Maria ó RS.<http://www.ipes.org/aguila>> (consultado: 05/08/ 2011)

Quivy, S. e LucVan, C. 2003. Manual de Investigacao em Cuencias Sociais. 3ªedicao. Luisbioa:Gravita.

Rocha-Trindade, M. B. 1995. *Sociologia das Migrações*. Liasboa: Universidade aberta.

Roese, A. D.; Curado, F. 2004. A contribuição da agricultura urbana na segurança alimentar comunitária em Corumbá e Ladário.

Hthh/www.cpap.embrapa.br/ (Consultado: 07/11/2011)